

SAGE

- Tiago -

...com este, são já quatro os desaparecimentos em Portugal no último mês. Os governos de vários países uniram esforços para averiguar o que se passa, já que numa primeira análise não foram encontrados fatores comuns entre os desaparecidos. Ouvem-se rumores de uma possível aplicação do recolher obrigatório caso a situação se intensifique. Recordamos aos cidadãos que se recomenda extrema cautela com situações e/ou pessoas estranhas. Perante qualquer anormalidade devem contactar de imediato a polícia...

A gargalhada ressoou no pub ainda meio vazio, levando os poucos ocupantes a lançarem olhares curiosos na nossa direção. Isto já era um ritual, o nosso ritual. Na segunda sexta-feira de cada mês encontrávamo-nos num dos pubs perto do rio e relatávamos as novidades. Hoje tínhamo-nos encontrado à saída do autocarro, pelo que a conversa já vinha animada quando entrámos. Alheia aos olhares, Sara continuava a rir como uma louca enquanto se dirigia para uma das mesas. Eu ria mais comedidamente e fazia sinal a pedir duas cervejas.

“Bem, ao menos hoje não tens a boca cheia de cerveja!”, comentei enquanto observava como ela limpava as lágrimas.

“A culpa não foi minha!” disse Sara num tom divertido. “Devias ter esperado que eu acabasse de beber antes de me contares as tuas aventuras.”

Já nos conhecíamos há tempo suficiente para adivinhar as reações um do outro. Tal como esperado, o meu comentário provocou outro ataque de riso...de ambos. Uma das empregadas veio com as nossas cervejas, colocou-as na mesa e agradeceu-me com uma piscadela de olho. “Então pessoal, isso é que é terminar a semana com bom humor”, disse Teresa sem esperar pela resposta ao ver que novos clientes entravam. Já lá íamos há tanto tempo que acabámos por travar amizade com o staff, o que nos fazia sentir ainda mais confortáveis.

Erguendo os copos, brindámos e saboreámos o momento que indicava o início do fim de semana. Olhei para a televisão e vi como colocavam, cara após cara, as pessoas desaparecidas.

“Mas conta lá! Que projeto é esse que te fez faltar ao nosso último encontro?” A pergunta de Sara foi como um anzol que me trouxe de volta ao presente.

“Lembras-te quando disse que tinha tido uma ideia brilhante para ajudar a humanidade?” Perguntei enquanto tirava uma caneta do bolso e começava a fazer uns rabiscos num

guardanapo. “Está finalmente a funcionar,” e mostrei a minha fraca tentativa de representar o meu protótipo.

A Sara franziu a cara, aproximando-a do papel. “Isso é um inseto? Parece uma barata, arghhhh que nojo. Tiago, tu sabes que odeio esses bichos.”

“Claro que não é um inseto, já sabes que a minha onda é mais artificial.” Resmunguei enquanto lhe arrancava o papel das mãos. “Olha, isto seria uma microcápsula, feita de um material orgânico que lhe permitiria circular na rede sanguínea sem qualquer rejeição pelo corpo onde se encontra. A parte crucial é que seja autónomo, navegando consoante existam sinais de anomalias e enviando as leituras para uma base de dados. Isto permitiria detetar em tempo real qualquer problema de saúde em qualquer ser humano, onde quer que esteja.” Quando terminei de falar notei que tinha um sorriso enorme estampado na cara, como sempre acontecia cada vez que pensava no meu trabalho. “Tenho estado a terminar as últimas análises de resultados, para apresentar amanhã no lab. Tudo indica que é autossuficiente, alimenta-se da energia produzida pelo organismo onde se encontra e decide o que fazer sem indicações exteriores.”

“Uau, impressionante! Seria como ter um médico pessoal, íntimo até.” Ela sorri no fim com a sua piada.

“E, acho que pode ser útil neste caso das pessoas desaparecidas!”

“Como assim?”

“Bem, no outro dia estava a discutir esta situação com o Dr. Nisa e pensámos que com a modulação certa, ele pode ter uma assinatura personalizada, sendo facilmente detetável caso seja necessário.”

“Então queres utilizar esse teu *amiguinho* para servir também de chip? Como nos animais?”

Perguntou Sara levantando as sobrancelhas. “Big Brother não te diz nada?”

“Os nossos dados já estão todos inseridos no sistema de qualquer forma.” Respondi, enquanto olhava para a televisão. Parecia que tinham encontrado algo, uma pista talvez?

“Tiago, olha para mim,” disse Sara, colocando-me a mão na cara para me desviar o olhar da televisão. “És um geek e adoro-te, mas às vezes metes medo quando te submerges nos teus programas.”

“Medo? O que te mete medo nisto?”

“Hmm, não sei, talvez perder a minha liberdade? Terceiros saberem onde estou 24 horas por dia? Ou se estou a morrer antes de eu própria o saber?”

“Mas isto significa mais saúde e entendimento do corpo humano. E se estivesse em uso, tu poderias saber onde estão estas pessoas desaparecidas!”

“E já pensaste que também significa perder a individualidade? Vamos parecer ratos de laboratório, sem liberdade e controlo sobre as nossas vidas e corpos!” Por esta altura já não havia vestígios de divertimento na voz de Sara, e eu já tinha perdido a vontade de beber. Queria voltar para o laboratório e continuar a melhorar os protótipos.

“Tenho pena que vejas as coisas nesses termos. Talvez sejas tu quem se submerge nos seus ideais e esquece o que realmente importa.” Levantei-me, atirei uma nota para cima da mesa e agarrando na minha mochila dirigi-me para a porta. Atrás de mim ouvi a voz da Sara “Merda! Tiago fica, vamos falar...”

Detestava discutir com ela, mas como é que ela não via que isto era importante? Às vezes a Sara falava como se eu fosse um monstro insensível, colocando a ciência à frente de tudo. Não era assim, pelo menos desta vez aquilo que estava a fazer poderia salvar vidas...talvez mesmo ajudar a encontrar pessoas. Quando o projeto estiver a funcionar poderemos colaborar com a polícia em casos de desaparecimentos, como os que estão a ser noticiados.

Quero pensar, mas está tudo enevoado. Os meus braços não reagem como normalmente, parece que fui drogado...e quem são estas pessoas à minha volta? “Não, não tomar isso...”, as palavras não saem como quero. Conheço aquela cara, não conheço? Estou a ficar com sono, não consigo focar...

Estico o braço e desligo o despertador, derrubando o candeeiro no processo. Abro um olho e vejo as horas. Porque me sinto como se tivesse sido utilizado como um saco de boxe? Esforço-me a sair da cama e vou para a casa de banho, mas quando estou prestes a entrar no duche sinto-me enjoado, paro 5 segundos e vou direito à sanita vomitar. Estranho...não bebi nada de especial para estar assim. Quando puxo o autoclismo, começo a pensar no sonho que tive. Faziam-me testes não era? Começo a procurar nos meus braços sinais de picadelas de agulhas, mas não encontro nada. “Tiago, controla-te man! Foi só um sonho e tu estás cansado!”

Já vestido, revejo as minhas notas enquanto tomo um café na cozinha. O telemóvel toca com o som de uma mensagem. “*Desculpa Tiago, não te queria chatear. Não gosto quando discutimos. Podemos marcar um encontro para breve? Não vamos esperar duas semanas por favor. Beijo da tua amiga chata.*” Fico a olhar e a pensar que também não gosto nada quando nos chateamos. A Sara é a minha melhor amiga, quase uma irmã. “*Amanhã, café às 15h no Tejo. Beijo, T*”. Agarro nos papéis e portátil e atiro tudo para dentro da mochila. Quando já estou a sair ouço o telemóvel de novo, um smile da Sara. Sorrindo, fecho a porta. Está na hora de mostrar o que fiz ao chefe.

“Tiago, estou muito contente por ver a evolução do trabalho. Acho que podemos começar a experimentar em cobaias humanas.” O Dr. Nisa coloca-me a mão no ombro enquanto sorri a olhar para os meus ratos de laboratório. “Os resultados do comportamento deles e dados enviados pelo...como lhe chamas mesmo?”

“SAGE, Dr Nisa. Significa satélite artificial genético experimental.”

“Ahahah, boa boa. Bem, como estava a dizer, os dados enviados pelo SAGE são muito ricos. Acho que podes reunir três ou quatro exemplos e na próxima quarta-feira fazemos uma apresentação à direção. Precisamos da aprovação deles para abrir um grupo humano de estudos.” O meu silêncio chama-lhe a atenção, desvia o olhar dos ratos e foca-o em mim “O que se passa Tiago? É um excelente trabalho, deverias estar contente.”

“Oh, claro. Claro que estou contente, foi para isto que trabalhei... - passo a mão pela cara enquanto penso num resultado em especial – mas aquele caso que falhou, no qual o rato morreu leva-me a pensar que talvez devêssemos esperar um pouco mais.”

“Tiago, é normal existirem falhas e tu só tiveste uma, uma anomalia. É extraordinário.” Ele sorri e aperta-me o ombro. “Anima-te rapaz, ainda tens muito trabalho pela frente. Acho que deverias gozar o momento, vai beber uns copos.”

“Hmm, sim sim. Combinarei algo com a Sara.”

“É verdade, a nossa jornalista. Acho uma boa ideia, manda-lhe um abraço da minha parte.”

Vejo-o sair e volto a olhar para os ratos. Uma anomalia..., mas com um resultado completamente catastrófico.

Acordo todo suado. Mais um pesadelo. Isto só pode ser o stress, ou então estou a ficar doente. Devia ir correr, mas não me sinto com forças para isso. Talvez um café ajude...um duche e um café. Ao levantar-me sou assaltado por uma tontura, o que me faz sentar de novo na cama e começar a ter suores frios. “Mas que merda!” Nova tentativa para chegar à cozinha, e no caminho sinto uma dor excruciante na cabeça, parece que vai rebentar. Caio de joelhos no chão, agarrando a cabeça com as duas mãos. Fico a balançar-me como se estivesse no colo da mãe, até que a dor vai diminuindo. Mudo de ideias, e dirijo-me antes para a casa de banho. Encho o copo com água e coloco uma aspirina. Enquanto espero para beber, vejo o meu reflexo no espelho e reparo num alto debaixo do olho esquerdo. Quando me aproximo do espelho para ver melhor, vejo que se move e desaparece. Fico quieto a olhar para o espelho e começo a perguntar-me se estarei a ficar louco. É quando sinto de novo a dor na cabeça, as lágrimas vêm-me aos olhos, perco a força na mão e vejo como o copo se estilhaça no chão e caio em seguida.

Acordo sobressaltado no chão da casa de banho, desorientado olho em volta e recordo-me do que se passou. Perdi os sentidos? Levanto-me e olho para o meu reflexo, cortei a cara ao cair. Molho a ponta da toalha e limpo o sangue. A partir de certo momento deixo de limpar, deixando cair a toalha no lavatório com a água a correr, e começo a tocar no rosto com as pontas dos dedos. “Estás louco Tiago! E falar contigo próprio é um sinal disso.” Abano a cabeça e ao esticar o braço para fechar a torneira, vejo um alto na mão. Sem pensar duas vezes, vou à cozinha e começo a abrir as gavetas até encontrar o que quero. Uma pequena faca de cerâmica, com a qual já me cortei um par de vezes a cozinhar. Fecho os dedos da mão esquerda em torno do cabo e deixo o indicador pousado na lâmina para tentar estabilizar, com cuidado aproximando o gume da pele junto ao alto e começo a espetar até sair uma gota gorda de sangue. A sensação de dor, embora esperada, acaba por me surpreender fazendo com que feche os olhos e alivie a pressão da faca. Quando abro os olhos já não vejo nada na mão. Decidido, retomo a pressão na faca e faço um corte rápido. Tento separar a pele para ver se está ali alguma coisa, o sangue escorre livremente pela mão acumulando-se na mesa. Sinto a dor, mas não desisto. Levanto o antebraço e faço um corte na pele macia, sinto como a faca penetra a pele e vejo como a carne não constitui qualquer barreira para a lâmina. O corte é fundo, o sangue sai em fio e desliza com um rio pelo braço até ao cotovelo, onde começa a pingar para o chão. Deixo cair a faca e enfio o dedo indicador no corte, forço a abertura para conseguir movê-lo e acabo por rasgar a pele. Paro, olho para aquele sangue todo e corro para o lava-loiças, abrindo a torneira e deixando que a água caia sobre o braço. Olhando para o sangue que é levado pela água começo a pensar no caso que falhou, no comportamento estranho do rato e nos resultados que iam sendo registados, na altura achei que não fazia sentido. Poderia ser um erro e aquele SAGE teria reaprendido o algoritmo de uma forma diferente, assumindo que o organismo era um vírus ou bactéria. Também havia a hipótese de ter sido adulterado ainda cá fora... mas isso não explicava... “Os sonhos!” E se os sonhos não fosse sonhos, mas memórias? Seria possível alguém ter entrado na minha casa e me ter injetado um SAGE?

Escolho uma mesa ao Sol, sento-me de frente para o rio e dou um longo golo na imperial. Penso na minha ida às urgências e nas perguntas do enfermeiro. Ele viu claramente que a minha conversa era mentira, mas não podia dizer a verdade. Sobressalto-me quando dois braços me abraçam por trás, até que sinto o perfume que me é tão familiar “Olá Sara!”

Sem me largar, ela dá-me um beijo na cara e sussurra “Prometemos que nunca voltaríamos costas chateados, lembras-te?”

“Desculpa, não deveria ter saído assim. Mas na altura estava empolgado com o projeto.”

“Ambos temos culpa, somos muito apaixonados pelo que defendemos. Mas porque é que dizes *estavas?*” Pergunta enquanto se senta na cadeira ao meu lado.

“Sabes que os resultados impressionaram o Dr. Nisa? Ele diz que estamos preparados para testar em cobaias humanas.” Faço uma pausa esperando pela reação da Sara. Nada. Olho para ela e vejo como tem os lábios apertados numa linha. “Está tudo a ser preparado para ser apresentado à direção do laboratório e seria controlado por um comité externo, de forma a não quebrar nenhum código de ética.”

“Ok. Então o que se passou?”

“Tenho tido uns sonhos estranhos, com pessoas à minha volta a tirarem sangue, a darem-me algo para tomar.” Sinto a boca seca, demasiado seca. Agarro no copo e dou mais um golo na cerveja. “O problema é que começo a achar que não são sonhos.”

“Como assim?”

“Acho que me drogaram, entraram na minha casa, e transformaram-me numa cobaia do meu próprio projeto.”

A Sara olha para mim muito séria e desata-se a rir. “Tiago, pára de gozar com a minha cara. Eu sei que fui parva no outro dia e que...”

“Não estou a gozar!” Digo de forma algo brusca, e tiro os óculos escuros com a mão direita.

“O que te aconteceu na mão?”

“Acabei de te dizer!! Eles meteram-me um dos meus protótipos em mim, para testar o que pode acontecer.”

“E tu decidiste o quê? Cortar e ver com os teus olhos se o encontras? Estás doido?”

“Tinha que ser Sara, eu vi uma coisa debaixo da pele. Aquilo está a atacar o meu corpo, sinto-me doente e febril.” Mas assim que acabo de o dizer, vejo o olhar dela.

“Acho que tens andado a dedicar demasiado tempo a isso. Não descansas o suficiente, é normal que estejas a sentir-te doente.” Inclinando-se coloca-me a mão na cara. “Estás um pouco quente, deverias estar na cama e descansar.”

Eu deveria saber, ninguém vai acreditar em mim. “Tens razão, bebo esta contigo e depois vou para casa. Deve ser exaustão.”

Entro em casa às escuras, vou direito à casa de banho e acendo a luz do espelho. Fico a olhar para o meu reflexo. Parece que não durmo há dias, tenho os olhos vermelhos e tenho olheiras. Quando estou a ir para o quarto, sinto de novo a dor de cabeça. Jogo-me para cima da cama e aperto a cabeça com a almofada, numa tentativa vã de aliviar a dor.

Acordo na escuridão, com uma dor de cabeça contínua, mas mais fraca. Permite-me levantar e ir até à cozinha beber um copo de água. Olho para o estado em que deixei tudo, pergunto-me se vale a pena arrumar. No laboratório, o rato não durou muito tempo vivo. Acredito que o mesmo se vá passar comigo. “Vais fazer com que me mate, não vais?” Pergunto em voz alta. “Adoraria que pudesses falar. Pergunto-me se só deixas sobreviver aqueles nos quais consideras que a simbiose foi um sucesso...ou sejam, nos quais tu ficas o ser dominante.” Começo a rir em alto. “A minha criação vai ser a minha morte.” Nesse momento perco a força nas pernas, batendo com a cabeça na mesa ao cair. Ao tentar levantar-me apercebo-me que não tenho qualquer sensação nas pernas. Ele conseguiu cortar a ligação nervosa? Está mais evoluído do que pensei. Quando tento arrastar-me até o telefone, começa a doer-me de novo a cabeça, mas agora com uma intensidade tremenda. Perco a visão no olho esquerdo e começo a vomitar. Limpo a boca nas costas da mão e grito com a violência da dor, não aguento isto. Numa tentativa estúpida de a parar, começo a dar cabeçadas no chão. Sinto o sangue a escorrer, mas não páro, cada vez com mais força.

- Sara -

“Bom dia Sara!” Nada como chegar ao trabalho e ter o chefe à tua espera, com café?!?!
“Olá João! Estás um bocado contente demais, não achas? Só amanhã é que é sexta-feira. ” Olho para ele de cima a baixo, tentando recordar se havia um motivo por detrás de toda aquela excitação que eu devesse recordar. Aceito o café e reparo imediatamente na confusão em cima da mesa, a minha mesa. “A sério? Tanta secretária e tinhas que vir espalhar os teus papéis aqui? Sabes que o café não te desculpa, não sabes?”
“Sara, Sara, Sara,” diz com um sorriso enorme. “Olha bem para esses papéis:”
Deixo cair a mala na minha cadeira e aproximo-me da mesa, começo a ver caras, caras que nos últimos dias se tornaram bastante familiares. “Temos pistas sobre os desaparecidos?” Giro sobre mim mesma, quase perdendo o equilíbrio. “Sabes alguma coisa sobre o corpo que encontraram na sexta-feira?”
“A minha fonte disse-me que se trata do francês, Jean-Paul, e que o corpo está completamente mutilado.”
“Mutilado? Mas algo em particular?” Procuo freneticamente uma caneta no meio da confusão e o meu bloco, tenho que apontar tudo para ver se consigo escrever uma boa história. “A família está disposta a dar entrevistas?”

“Pois, acho que poderias apanhar um avião e tentar falar com a polícia francesa e com a família. O Zé pode fazer a história contigo, ele fica a cargo de falar com a nossa polícia e ver se conseguem juntar pontas.” Para de falar enquanto procura na mesa um papel que me passa.

“Relativamente às mutilações tens aqui tudo o que a minha fonte me disse.”

“Bem, inúmeros cortes feitos por instrumentos diferentes, hematomas, etc.” Fico enjoada ao ler o que este homem deve ter passado nos seus últimos momentos de vida. “Há gente muito doente neste mundo...” Paro ao ouvir o meu telefone tocar.

“Atende, e depois continuamos a planear tudo.”

“Jornal Última Hora, daqui fala Sara Rocha.”

“Sara? É a Judite Almeida,” assoa-se e com a voz a tremer continua. “É o Tiago...” e começa a chorar.

Já tinha ido ao Instituto de Medicina Legal algumas vezes, mas nunca para identificar um corpo. Merda! Não era um corpo, era o Tiago. O meu melhor amigo. Como é que isto aconteceu?

À entrada vejo uma cara conhecida, o Dr. Nisa, parece que envelheceu uma década deste a última vez que o vi. Olha para mim e vejo o rosto de um homem repleto de tristeza e culpa? Claramente não estou a ler bem as emoções, não faz sentido. A não ser que seja a culpa irracional que todos sentimos quando alguém que amamos morre, nada é tão forte como o sentimento de impotência que a morte nos provoca.

“Sara, como estás minha querida?” Leva os dedos à cana do nariz e abana a cabeça. “É uma pergunta estúpida, eu sei. Presumo que tenha sido a mãe do Tiago que te avisou?” Sem me dar tempo a responder continua. “Eu já fiz a identificação... se não quiseres ir, talvez até seja melhor assim.”

“Eu acho que o gostaria de ver.” Olho para as portas do edifício e lentamente começo a andar.

“O que aconteceu? Qual foi a causa da morte?”

“Tudo indica que suicídio.”

“Suicídio?” Paro a meio do corredor e olho para o homem a meu lado. “Dr. Nisa, o Tiago não é... era uma pessoa de cometer suicídio.”

“Estiveste com o Tiago recentemente? O que achaste do comportamento dele?”

Olho para o Dr. Nisa durante um momento sem responder, tento controlar o turbilhão de emoções que sinto dentro de mim. “Sim, estive no domingo com ele. Achei-o adoentado, um pouco febril. Atribui o estado dele ao tempo que dedicava ao trabalho.”

Paramos em frente de uma porta dupla. Uma porta que me separa do que resta do Tiago. O aperto no estômago leva-me a pensar que não deveria ter bebido o café, estou enjoada. “Sara, faz parte do regulamento do laboratório efetuar análises e exames médicos regulares aos nossos colaboradores.” Olho para ele, tentando adivinhar o que me quer dizer. “Os últimos resultados do Tiago indicam que ele tinha um aneurisma cerebral.” Arquejo e sinto picadas nos olhos das lágrimas que tento não deixar cair. “Ele começava a apresentar sintomas e eu estava a tentar que ele parasse o trabalho durante um tempo, pelo menos para fazer mais uns exames e vermos o que se deveria fazer.”

“Ele não me disse nada,” sinto uma lágrima a cair pela face. “Só falava de estar a ser utilizado como cobaia, de teorias de conspiração.”

“Esse comportamento era uma consequência, um sintoma.”

Sem me conseguir conter abraço o Dr. Nisa e começo a soluçar descontroladamente.

- Hugo Nisa -

Entro pela porta dupla e sinto como o ar tem um cheiro nauseabundo. Surpreendo-me sempre como o cheiro da morte pode ser tão enjoativo.

“Tudo em ordem Hugo?” Sigo o som da voz e encontro o meu colega sentado a comer uma sandes. Não sei como é capaz.

“Sim, tudo em ordem. Eu próprio chamei o táxi e coloquei a rapariga lá dentro.” Tiro do bolso um lenço que coloco em frente ao nariz. “Olha, sei que não te importas, mas podemos despachar isto para sair daqui?”

“Claro que sim. Conseguimos encontrar o SAGE,” indica-me com a cabeça a pequena caixa em cima da mesa. “Vamos efetuar pequenas alterações no cérebro dele, de forma a que simule a presença de um aneurisma.”

Vou até à mesa, agarro na caixa e coloco-a no bolso. “Ótimo, não pode haver qualquer vestígio. Eu vou analisar o SAGE e ver como está. Temos que entender exatamente como fazer que o SAGE seja mais subtil, de forma a que o comportamento das pessoas seja alterado.”

“Por mera curiosidade, porque decidiste fazer isto ao miúdo? Não era ele o cérebro responsável por isso?” Pergunta dirigindo o olhar para o bolso onde guardei a caixa.

Olho para o meu colega e depois para o corpo tapado por um lençol. “O Tiago era brilhante, mas estava a começar a ter dúvidas que poderiam colocar em causa aquilo que queremos. Se o

tivéssemos do nosso lado, seria o ideal. Tinha esperanças que ele fosse um dos sucessos, afinal mostrou ser mais resistente...tal como o Jean-Paul.”